

Novena
ao Coração
de Maria

ANO 2022



Introdução

O XXVI Capítulo Geral adotou este compromisso: “Intensificar a dimensão cordimariana da nossa espiritualidade: confissão de Deus, revolução da ternura (cf. EG 88, 288), esperança dos povos e sonho de um mundo novo. Praticaremos de um modo criativo as devoções da nossa tradição e dos nossos povos” (QC 47). Inspirada neste compromisso, a Prefeitura Geral de Espiritualidade e Vida Comunitária tomou a iniciativa de convocar oito missionários, representativos das diferentes áreas geográficas da Congregação, a fim de formarem parte de uma comissão encarregada de preparar as novenas do Coração de Maria para o presente sexénio. Com isso não se pretende abandonar as fórmulas propostas no Diretório Espiritual (cf. n.147-148), mas oferecer uma alternativa inspirada nos rasgos cordimarianos destacados na *Querida Congregación* (cf. QC 47).

No primeiro ano, a novena centra-se na confissão de Deus, que é o primeiro aspeto cordimariano ressaltado na declaração capitular. Esta confissão inspira-se no Magnificat de Maria. Já no *Missionarii sumus* se afirmava o seguinte:

“Reconhecemos agradecidos que o Senhor nos tem abençoado generosamente. Embora o pecado não deixe de estar presente nas nossas vidas, os sinais da Sua graça são muito mais abundantes. Unidos a Maria, queremos dilatar o seu Magnificat porque o Todo-Poderoso fez obras grandiosas” (MS 36).

O Magnificat é um hino que reflete a espiritualidade dos pobres de YHWH. É um cântico que evoca os feitos grandiosos do braço divino e traça os rasgos de Deus que se manifestam nas suas ações históricas. Centra-se no protagonismo do Senhor e não tanto na cooperação humana, suscitada por Ele. Destacaremos,

Maria confessa e enaltece a Deus
no Magnificat

cada dia da novena (seguindo de perto o cântico evangélico), um ou outro rasgo ou faceta da identidade divina, revelada na sua economia salvífica.

O esquema da novena é formada por quatro partes. Na parte introdutória contamos com uma monição, um cântico (cada comunidade poderá escolher o mais conveniente), uma saudação e uma oração inicial. Na segunda parte, propõe-se um texto bíblico, seguido de um breve momento de silêncio contemplativo. Por sua vez, a terceira parte, intitulada “Meditamos com Maria e sobre Maria”, oferece algumas breves reflexões sobre o tema da novena e dois textos complementares (extraídos dos escritos do Padre Claret e de outros autores), que servem para iluminar a reflexão. Por fim, na última parte, podemos encontrar as preces, o Pai-nosso, uma oração conclusiva (que será a mesma durante os nove dias), uma bênção e um Cântico final. Cada comunidade poderá usar este material de uma maneira livre, atendendo ao próprio contexto.



1. Introdução

Monição de entrada: O Magnificat, mais do que um «hino à alegria» e ao Criador, é um hino ao Deus da alegria e Salvador. O coração de Maria está repleto de júbilo pelos tempos messiânicos que já não são apenas uma promessa, mas uma presença; não provocam um estado de euforia passageira, mas uma alegria duradoura; pois, ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher. Este Filho será para sempre o Emmanuel: o Deus conosco.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Deus e nosso Pai, recordamos Maria, que recebeu o jubiloso anúncio do Anjo. Concede a todos nós, que nos chamamos filhos do seu Coração, a graça de comunicar a alegria do Evangelho, para que o encontro com Jesus nos livre do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Lc 2,6-14

Chegou o dia de Maria dar à luz, e teve o seu Filho primogénito. Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia naquela região uns pastores que viviam nos campos e guardavam de noite os rebanhos. O anjo do Senhor aproximou-se deles e a glória do Senhor cercou-os de luz; e eles tiveram grande medo. Disse-lhes o Anjo: «Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoura». Imediatamente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, que louvava a Deus, dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

Temos motivos para estarmos alegres: recebemos uma boa notícia, a Boa Nova. O verdadeiro rosto de Deus é-nos revelado, embora tão desfigurado por palavras falaciosas, por mensagens que se pretendem libertadoras, pela nossa torpeza. Recordemos a propaganda de alguns ateus: «Provavelmente Deus não existe; por isso, não te preocupes e goza a vida». Que tipo de Deus tinham em mente? Que esperança pode haver para o nosso mundo e para aqueles que são descartados da história, se Deus não existe ou não tem os traços que o Magnificat nos revela? Não é invejoso, ganancioso, mesquinho. Não poupa, nem cobra pelos seus dons. O que Ele exige é que dilatemos o desejo e a esperança, a fim de que Ele possa aumentar o nosso conhecimento e derramar ainda mais o seu amor nos nossos corações. Dá o Espírito sem medida (cf. Jo 3,34).

«Alegra-te, cheia de graça!». É assim que se pode traduzir a saudação inicial do anjo Gabriel a Maria, quando percebemos nessa saudação ressonâncias do Antigo Testamento (Sofonias, Joel, Zacarias). O espírito de Maria cantará jubilosamente a Deus, que foi esplêndido com ela e alegrou a sua juventude (cf. Sl 42, 4 Vulg.). Essa alegria, por si só comunicativa, irradia e atinge o filho de Isabel, os pastores, o povo, os magos, as gerações cristãs, a nós.



Texto suplementar 1. «Caiu imensa chuva, durante os primeiros dois anos. Numa ocasião, esteve a chover quase sem parar durante nove meses, e dias houve em que a chuva caiu ininterruptamente, de tal forma que tínhamos enorme dificuldade em nos deslocar. Não obstante tudo isso, eu e os meus colegas prosseguimos o trabalho e as pessoas participavam com assiduidade. Andávamos sempre contentes e felizes, algumas vezes sem ter sequer o necessário para viver».

«De Maiari seguimos para Santiago, cidade capital, que dista quarenta léguas. Como o sítio é muito ermo, tivemos de levar mantimentos, a fim de nos podermos alimentar pelo caminho. Saímos na segunda-feira da Semana Santa. Transportámos, numa panela de barro, bacalhau com grão-de-bico e batatas. Depois de havermos percorrido uma longa distância, os colegas assentaram em que era chegada a hora de almoço. Parámos, trouxemos o tacho, acendemos uma fogueira, e, para que a vasilha ficasse resguardada do vento, colocámo-la ao pé do tronco de uma grande árvore. A seguir, todos foram à procura de lenha. Mas o calor do fogo foi tão intenso que o tacho rachou todo. Servimo-nos, então, de uma folha de palmeira - naquela floresta há muitas (e caem das árvores, como pelo de carneiro) - e nela colocámos a comida, por se ter esboroadado a panela de barro, devido ao ímpeto do calor. Não dispúnhamos, na altura, de colheres nem de garfos. Lançamos mão de uma casca de árvore e, com ela, comemos o caldo e o resto do rancho. Como tínhamos sede, adaptámos outra folha para podermos beber. Atámo-la nos extremos e convertemo-la em balde: enchemo-la de água, e assim nos regalámos. Estávamos todos tão contentes e felizes, que era um gosto ver-nos» (Santo António Maria Claret, *Autobiografia*, nn.539.543).

Texto suplementar 2. «Numa tarde de inverno estava, como era costume, a cumprir a minha tarefa [cuidar de uma irmã]. Fazia frio e era de noite... De repente, ouvi à distância o som harmonioso de um instrumento musical. Então imaginei um salão bastante iluminado, a resplandecer de ornamentos dourados. Nele, umas jovens mulheres, elegantemente vestidas, endereçavam umas às outras todo o tipo de elogios e cortesias mundanas. Depois, o meu olhar recaiu sobre a pobre enferma que eu estava a cuidar. Em vez de uma melodia, escutava, de vez em quando, os seus gemidos. Em vez de ornamentos dourados, reparei nos tijolos do nosso austero claustro, mal alumiado por uma luzinha. Não posso exprimir o que passou na minha alma. O que sei é que o Senhor iluminou-a com os raios da verdade, que excediam de tal forma o brilho tenebroso das festas terrenas, que eu não podia acreditar na minha felicidade. Não, não trocava os dez minutos que levei a realizar o meu humilde serviço de caridade por mil anos de gozo de festas mundanas» (Teresa do Menino Jesus, *História de uma alma*, manuscrito C, 29v-30r).

4. Rezemos juntos

Por intercessão da Mãe de teu Filho, a quem invocamos como causa da nossa alegria, apresentamos-Te, Pai, os nossos desejos:

Senhor, escutai-nos; Senhor, ouvi-nos.

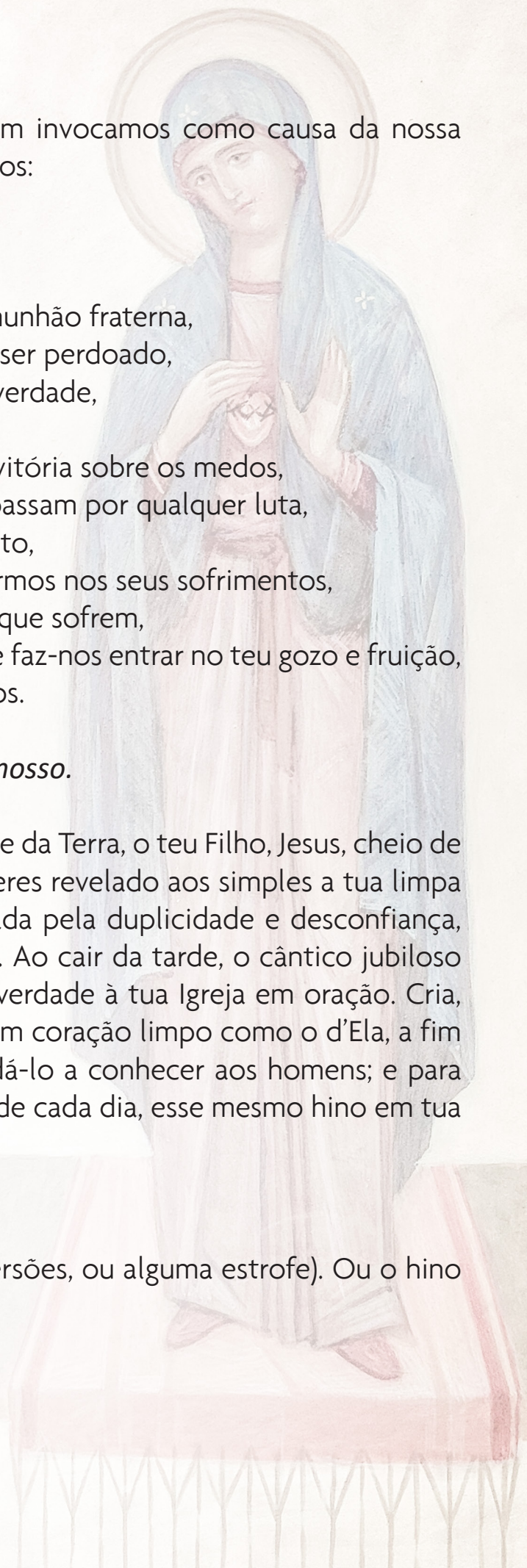
- Dá-nos o sentimento da doçura da comunhão fraterna,
- Concede-nos a alegria de perdoar e de ser perdoado,
- Dá-nos a alegria de conhecer e amar a verdade,
- Dá-nos a alegria do bem,
- Desperta em nós o contentamento da vitória sobre os medos,
- Dá o teu abundante conforto aos que passam por qualquer luta,
- Unge-nos com o óleo da alegria de Cristo,
- Dá-nos a alegria que brota de participarmos nos seus sofrimentos,
- Faz-nos gostar a felicidade de servir os que sofrem,
- Conduz-nos à cidade da alegria eterna e faz-nos entrar no teu gozo e fruição, juntamente com Maria e todos os santos.

Podem-se acrescentar algumas frases... Pai-nosso.

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: A nossa vida pessoal, em qualquer dos seus aspetos, é preciosa, mas, ao mesmo tempo, frágil e exposta a vários males. Somos habitados por um desejo de plenitude que não conseguimos alcançar por nós mesmos. Mas podemos abrir-nos confiadamente Àquele que é a fonte da vida e que nos enche de sentido e de alegria. O coração humilde e simples de Maria é o nosso modelo de abertura aos dons de Deus. Ela confessa-o como o seu Salvador.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Senhor nosso Deus, que olhas com um olhar de amor para a humilhação da tua escrava e exaltas os humildes, enches de bens os famintos e estendes a mão aos caídos, olha para estes teus filhos e servos, mostra-nos a tua misericórdia e dá-nos a tua salvação e a tua paz; e a nós que confessamos que a nossa saúde e salvação brotam da ferida de Cristo, faz-nos experimentar que a força se realiza na debilidade e fá-la vitoriosa. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Is 45,15-18.21-22

«Na verdade vós sois um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador. Os fabricantes de ídolos retiram-se cheios de vergonha, confundidos e cobertos de ignomínia. Mas Israel será alvo pelo Senhor com uma salvação eterna, para que não se envergonhe, nem seja confundido até ao fim dos tempos. Eis o que diz o Senhor, criador dos céus [...]. «Declarai, apresentai provas, consultai-vos uns aos outros. Quem anunciou estas coisas há muito tempo? Quem o revelou desde então? Não fui eu, o Senhor? Não há outro Deus além de mim. Eu sou um Deus justo e salvador, e não há nenhum outro. Voltai-vos para mim e sereis salvos, vós que habitais nos confins da terra, porque Eu sou Deus e não há nenhum outro».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

«O Salvador»: é um novo título divino. Deparamo-nos com tantas situações individuais e coletivas em que precisamos que nos estendam uma mão! Cair num poço, estar sepultado sob os escombros; uma doença, um vício, um estado de angústia; peste, fome, guerra; ignorância, erro, engano, abuso, escravidão; culpa, morte... Israel foi salvo do poder do Faraó, foi libertado das invasões, resgatado da deportação. Deus valeu-se de mediações humanas: Moisés, os juízes, Ciro. E o Senhor perdoou o seu povo, uma e outra vez. Jesus realizou atos de salvação e é o portador da salvação definitiva: pela sua entrega obediente, fomos resgatados da culpa; e na sua ressurreição e no dom do Espírito temos a promessa e o penhor da vitória sobre a morte. Somos salvos na esperança.

Maria canta a Deus, o seu Salvador, que a livrou da humilhação e encheu-a de bens, sem desprezá-la pela sua humilde condição social. Canta ao Deus que vem em auxílio de Israel, ao Deus que manifesta a sua misericórdia de geração em geração, ao Deus que está atento às vidas dóceis à sua vontade (os humildes e famintos) e às vidas seriamente desprovidas de dignidade (os poderosos e ricos), ao Deus que fez surgir os tempos messiânicos e que cumprirá o seu desígnio de salvação; Esse é o Deus que nos redimiou no seu Filho, ao qual na circuncisão se imporá o nome de Jesus: YHWH salva. Toca-nos a nós confiar, acolher a sua salvação e colaborar com ela.



Texto suplementar 1. «Sei que, na ordem da graça, sou como aquele que foi lançado num poço profundo, do qual não pode sair por si próprio. É assim que eu sou. Posso pecar; mas não consigo libertar-me do pecado sem a ajuda de Deus e os méritos de Jesus Cristo. Posso condenar-me, mas não posso ser salvo; a não ser pela bondade e pela misericórdia de Deus.

Cheguei à conclusão de que a virtude da humildade consiste precisamente nisto: em reconhecer que nada sou e nada posso, a não ser: pecar. Dependo de Deus em tudo: no meu ser, na conservação da vida, no movimento, na graça. Sinto-me muito feliz por estar totalmente dependente de Deus: prefiro contar com Deus do que comigo mesmo» (Santo Antonio M^a Claret, *Autobiografia*, nn.346-347).

Texto suplementar 2. Lolo Jones é uma bicampeã do mundo na prova de obstáculos de 60 metros em pista coberta. E foi três vezes campeã olímpica. Em *Superando obstáculos* (Palabra, Madrid, 2022) narra a sua história de superação. Enfrentou a pobreza, o colapso familiar, a violência do pai contra a mãe, os contratempos no desporto. Nesse percurso pôde contar com um companheiro especial: Deus. Confessa: «Ele foi o meu salvador» (Alfa e Ómega, 28 de abril a 4 de maio de 2022, p. 25).

4. Rezemos juntos

Aclamemos, com Maria, o nosso Deus, e supliquemos-lhe, dizendo:

Tu és um Deus justo e salvador.

- Faz brilhar o teu rosto sobre nós e dá-nos a tua paz,
- Salva o teu povo e abençoa a tua herança,
- Dá-nos a vida, para que possamos confessar o teu nome,
- Faz com que retornem à tua Igreja aqueles que se afastaram dela,
- Ajuda-nos a superar a discórdia e as divisões,
- Não permitas que sejamos dominados pela tibieza e mediocridade,
- Conforta aqueles que passam por tentações, tribulações e provas,
- Faz-nos solícitos pelo bem dos nossos irmãos,
- Faz-nos atentos à situação e à necessidade dos que sofrem,
- Salva os defuntos, pelos quais o teu Filho deu a própria vida.

Podem-se acrescentar algumas frases... Pai-nosso.

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, inculcadas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: «Onde poderei ocultar-me do teu olhar?» (Sl 139,7) dizia o salmista ao Senhor. Este olhar de Deus, vendo-nos em Cristo, é o olhar de um Pai que sente ternura pelos seus filhos e que sabe que são feitos de barro. Aquele olhar recaiu sobre Maria, a cheia de graça. Peçamos que esse olhar repouse também sobre nós e que nos purifique e nos torne belos, como embelezou a ela, a inocente, a imaculada, a toda bela.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Deus nosso Pai, o teu olhar penetra o mais íntimo do coração. Maria achou graça diante de ti. Pedimos-te que nos olhes com olhar benevolente e que o teu olhar nos perdoe, cure e nos recrie. Dá-nos a tua graça, a fim de que possamos agradar-te em tudo e fazer o que for agradável aos teus olhos. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Salmo 33,13-22

Do céu o Senhor contempla e observa todos os homens. Do lugar onde habita, contempla todos os habitantes da terra. Ele que formou o coração de cada homem está atento a todas as suas obras. O rei não vence pela grandeza do seu exército, nem o herói se salva pela sua valentia. Não está no cavalo o penhor da vitória, a sua ferosidade não livra de perigo. Os olhos do Senhor estão voltados para os que O temem, para os que esperam na sua bondade, para libertar da morte as suas almas e os alimentar no tempo da fome. A nossa alma espera o Senhor: Ele é o nosso amparo e protetor. N'Ele se alegra o nosso coração: em seu nome santo pomos a nossa confiança. Venha sobre nós a vossa bondade, porque em Vós esperamos, Senhor.

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

O nosso Deus não é como a divindade de um certo filósofo da idade antiga: que não conhece nem ama as realidades deste mundo e nos ignora «olímpicamente». O nosso Deus rejubilou, ao concluir a sua obra criadora e ao ver que tudo aquilo que fizera era muito bom (Gn 1,31). E compraz-se nos fiéis que confiam na sua misericórdia (Sl 147,11). Estes podem pedir-lhe: «Olhai para mim, e tende compaixão, porque estou só e desprotegido» (Sl 25,16). Por isso, o profeta, perante o seu silêncio e falta de resposta, pergunta-lhe com impaciência: “Os teus olhos são demasiado puros para ver o mal, não podes contemplar a opressão. Porque contempas, em silêncio, os traidores, enquanto devoram os que são mais justos do que eles? (Hab 1,13).

Deus reparou na humilde condição da sua serva. E, ao olhar para ela, encheu-a de graça e bênçãos. Maria poderá assim cantar como São João da Cruz: «Quando tu me fitavas, teus olhos sua graça me imprimiam; e por isso me sobreamavas, e nisso mereciam os meus olhos adorar o que em ti viam. (*Cântico espiritual*, canção 32 [A23]). Por sua vez, assim agraciada, Ela poderá olhar-nos com olhos de misericórdia. É isso o que lhe pedimos na *Salve-Rainha*: «Esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei».



Texto suplementar 1. Quando Paulo VI deslocou-se a Bombaim, onde os católicos mal atingiam o meio milhão, foram a recebê-lo quatro milhões de pessoas. Como se poderia entender isso? Um catedrático da história das religiões da Universidade de Nova Deli explicou: «Eles não vieram ver o Papa. Vieram para ser vistos por ele. Para um oriental, os olhos de um homem santo transmitem a salvação, iluminam e purificam as almas daqueles a quem olham».

Texto suplementar 2. «Hoje vim para o meio de vós, ou melhor, vimos todos juntos para encontrar o olhar de Maria, porque ali está o reflexo do olhar do Pai que faz dela Mãe de Deus, e o olhar do Filho da cruz, que faz dela a nossa Mãe. Precisamos do seu olhar de ternura, do seu olhar maternal que nos conhece melhor do que qualquer outro, do seu olhar cheio de compaixão e de cuidado.

Maria, hoje, queremos implorar-te: Mãe, dá-nos o teu olhar! O teu olhar levamos a Deus, o teu olhar é um presente do bom Pai, que nos espera em todas as encruzilhadas do nosso caminho. É um dom de Jesus Cristo na cruz, que carrega sobre si mesmo os nossos sofrimentos, as nossas fadigas, os nossos pecados» (Papa Francisco, em Cagliari, 22 de setembro de 2013).

4. Rezemos juntos

Pedimos-te, Pai, pela Igreja, para que veles com amor por ela e por cada um dos seus filhos. Respondemos:

Repara na Mãe do teu filho, e escuta-nos.

- Não deixes que a tua Igreja se encerre na contemplação estéril de si mesma,
- Faz com que ela irradie a luz de Cristo com a sua presença, anúncio, diálogo e ação,
- Dá-nos o teu Espírito; para que Ele eduque o nosso olhar, os nossos sentimentos e a nossa ação,
- Dá-nos um olhar e entranhas de misericórdia,
- Não permitas que permaneçamos cegos e insensíveis perante os que sofrem,
- Faz-nos viver em santidade e justiça na tua presença todos os dias da nossa vida,
- Faz com que não vejamos com complacência o que não é correto aos teus olhos,
- Ensina-nos a sondar o nosso coração e a purificar as nossas intenções e desejos.

*Podem-se acrescentar algumas frases...
Pai-nosso.*

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



○ Todo-Poderoso e as suas obras grandiosas

1. Introdução

Monição de entrada: Não é mais poderoso o que destrói, mas aquele que é capaz de criar e de cuidar. Deus é o Todo-Poderoso: nas suas mãos estão a força e o poder. Ele enaltece e conforta a todos; revelando assim a grandeza do seu poder. Arranca o mundo das trevas do nada; faz sair Israel das trevas da escravidão; retira Jesus da escuridão do túmulo. Arranca o coração de pedra e infunde um coração de carne. Ele manifesta, acima de tudo, a sua onipotência ao perdoar. Ele realiza estas obras grandiosas por meio do seu Espírito, que torna fecundo o seio virginal de Maria.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Senhor nosso Deus, nós confessamos-te como Pai todo-poderoso, porque és o criador do céu e da terra, das coisas visíveis e invisíveis. Confessamos o teu senhorio universal. A brisa do entardecer e o vento forte, a agitação da borboleta e o redemoinho do furacão são indícios da tua providência e da tua força. Renova as nossas vidas. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Lc 1,26-28.30-31.34-35

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma Virgem desposada com um homem chamado José, da descendência de David. O nome da Virgem era Maria. Tendo entrado onde ela estava, disse o anjo: «Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo... Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus». [...] Maria disse ao anjo: «Como será isto, se eu não conheço homem?». O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus. E a tua parente Isabel concebeu também um filho na sua velhice, e este é o sexto mês daquela a quem chamavam estéril, porque *a Deus nada é impossível*».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

O nosso Deus não se assemelha às divindades ociosas de algumas religiões. E não é impotente, como os ídolos, que, longe de serem fazedores, são nossos artefactos. Essas pedras ou troncos têm mãos e não palpam, a garganta não articula qualquer som e é incapaz de proferir qualquer palavra criadora. Bem pelo contrário, o Deus eterno, o criador dos confins da terra, é poderoso e não se cansa. Realiza *obras grandiosas*: cria, reconcilia e renova (por dentro) com o perdão, cumpre, pelo Espírito, o seu desígnio sobre a história; e recapitula tudo em Cristo. Tudo o que ele quer faz, no céu e na terra. Para Ele nada é impossível.

Os poderosos pretores romanos não cuidavam de ninharias; mas o estilo de Deus é diferente. Ele abaixa-se e preocupa-se com as criaturas mais humildes: cuida dos lírios do campo, dos pardais, das formigas, dos próprios corvos; faz crescer o majestoso cipreste e veste o débil filamento de erva. É seu o mar; e sua a fonte da aldeia. É seu o templo; e sua a simples casa onde vive Nossa Senhora. Peçamos-lhe que nos guarde como a menina dos olhos.

Maria canta: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas». Deu-lhe a vida, fez-lhe pertencer ao povo da aliança, olhou-a com amor, encheu-a de seus dons, fê-la mais nova que o pecado, fê-la bendita entre as mulheres, enviou o seu espírito criador para a tornar virginalmente fecunda e para dar à luz o Messias. Chamou-a a cooperar na obra da salvação, acompanhou-a nas provas e nas dores, ampliou a sua maternidade, abrangendo os irmãos do seu Filho. Por fim, foi elevada à glória, para junto d'Ele.



Texto suplementar 1. O Padre Claret escreve acerca de Maria: «Não só excede em bondade a tudo o que foi criado, como também excede a tudo o que pode haver de bom entre as puras criaturas; de tal maneira que Deus na sua onnipotência, como nos recorda o venerável Señeri, pôs todo o seu maior empenho ao criar Maria. Deus bem poderia ter criado (e até mesmo agora, se quisesse, poderia criar) um céu mais rico e ornado de estrelas, um oceano mais dilatado e vasto, uma terra mais vistosa e embelezada de plantas e flores, mais rica e carregada de frutas, de metais e pedras preciosas, mas não poderia ter criado uma mãe mais excelente do que Maria» (Santo António Maria Claret, *Escritos marianos*. CESC, Editorial Claret, Barcelona 2022, 123).

Texto suplementar 2. O padre Claret escreve: «Na expressão em que dizemos: O pão nosso de cada dia nos dai hoje, não só lhe pedimos o alimento para o corpo, mas também o sustento para a alma, que é o principal; uma vez que, quanto ao corpo, o mesmo que cuida das aves do céu e dos lírios do campo, também cuidará de nós; de tal maneira que, quanto a isso, não temos que nos afligir ou preocupar, porque se buscarmos, primeiro, o Reino de Deus e a sua justiça, tudo o mais nos será dado por acréscimo» (Santo António Maria Claret, *Escritos marianos*, 254).

4. Rezemos juntos

Glorificamos o nosso Deus por todas as suas obras. Repetimos:

Nós Te bendizemos e damos graças, Senhor.

- Porque todas as criaturas, mesmo as mais pequenas, possuem um traço da tua grandeza,
- Porque cuidas da terra, a regas e enriqueces sem medida,
- Porque nos fizestes à tua imagem e semelhança,
- Porque nos confiastes o domínio e o cuidado da tua criação,
- Porque enalteces e confortas a todos,
- Porque no teu Filho te revelastes infinitamente próximo,
- Porque manifestas o teu poder acima de tudo com o perdão e a misericórdia,
- Porque predestinastes Maria a ser a Mãe do teu Filho,
- Porque fizestes obras grandiosas diante da tua humilde serva,
- Porque a elegestes para ser santa e irrepreensível diante ti por amor,
- Porque lhe deste um coração novo e fiel,
- Porque a guiastes na sua peregrinação de fé,
- Porque lhe destes um olhar sensível para com aqueles aos quais faltou o vinho,

- Porque a associastes à Páscoa do teu Filho,
- Porque nos confiastes aos seus cuidados maternos,
- Porque no-la propões como mestra de cordialidade.

*Podem-se acrescentar algumas frases...
Pai-nosso.*

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: Só Deus é santo, santo por essência. A sua santidade qualifica tudo o que pertence ao seu ser ou está ligado a ele: o seu santo braço, o seu nome santo, a sua morada santa, a sua santa Lei, as Sagradas Escrituras, os santos anjos, o seu povo santo... A Igreja confessa a santidade infinita de Deus que, por intermédio de Jesus Cristo e com o poder do Espírito Santo, dá vida e santifica tudo. E contempla Maria como a toda santa, pela obra primorosa da Santíssima Trindade.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Senhor nosso Deus, nós te bendizemos porque concedeste a Maria a graça de compreender o mistério da tua santidade. Confessou que o teu inefável nome é santo e deve ser venerado em profundo silêncio e respeito. Movida pelo mesmo impulso confessante, proclamou a tua misericórdia, que é concedida aos teus fiéis e é oferecida gratuitamente a quantos se distanciaram de Ti. Concede-nos essa mesma graça para compreender e venerar o mistério da tua santidade e aclamar a tua misericórdia. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Is 6,1-3.5-7

No ano em que morreu Ozias, rei de Judá, vi o Senhor, sentado num trono alto e sublime; a fímbria do seu manto enchia o templo. À sua volta estavam serafins de pé, que tinham seis asas cada um: com duas asas cobriam o rosto e com as outras duas voavam. E clamavam alternadamente, dizendo: «Santo, santo, santo é o Senhor do Universo. Toda a terra está cheia da sua glória». [...] Então exclamei: «Ai de mim, que estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, moro no meio de um povo de lábios impuros e os meus olhos viram o Rei, Senhor do Universo». Um dos serafins voou ao meu encontro, tendo na mão um carvão ardente que tirara do altar com uma tenaz. Tocou-me com ele na boca e disse-me: «Isto tocou os teus lábios: desapareceu o teu pecado, foi perdoada a tua culpa».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

«O seu nome santo». Esse nome de Deus exprime a sua realidade inefável. Perante a santidade divina, temos de manter a distância, descalçar-nos e prostrar-nos (cf. Ex 3,5). Pela sua infinita santidade, Deus merece a nossa adoração. E diante de Jesus, «o Santo de Deus» (Mc 1,24), os espíritos impuros tremiam e Simão Pedro exclamava, surpreendido: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador» (Lc 5,8). Mas a santidade de Deus é, ao mesmo tempo, uma santidade que se acerca, acolhe, purifica, renova. Não santificamos o seu nome se, ao refletirmos sobre nós mesmos, pensarmos que Deus só fez asneira ou que não se abaixa a fim de cuidar desses pobres desgraçados que são um caso perdido. Não somos: «Toda a penitência do homem é a coroação de uma esperança de Deus» (Péguy). Não deixemos de acreditar que o seu Filho veio do céu por nós e para nossa salvação, a fim de que tenhamos Vida em abundância.

Maria ensina-nos a santificar o nome de Deus com essa confiança em forma de abandono e diligência (e que supera, portanto, o abatimento e a inércia); com a alegre e decidida obediência do «faça-se» (tanto o solene da Anunciação como os outros humildes que o precederam, ou os duros que se seguirão); com o cumprimento dos ritos prescritos pela santa Lei de Deus; com a busca afanosa durante três infindáveis dias; com a renúncia a ser uma mãe zelosamente voltada sobre o próprio Filho (Mc 37); com a pertença a uma Igreja de pecadores perdoados; com o amén final.



Texto suplementar 1. O Espírito Santo [...], ao escolher Maria como sua Esposa, isto é, como Esposa de uma Pessoa divina que, por antonomásia, se chama *Santa*, devia dotá-la de todos os carismas de santidade adequados a fim de torná-la a mais santa de todas as criaturas, a mais digna de todas elas de ser sua Esposa, e por isso partilhou com Ela tanto quanto podia Ele dar e Ela receber. Maria foi assim dotada da mais eminente santidade entre todas as criaturas, de uma santidade sobre-humana, de uma santidade sobre-angelical, de uma santidade divina por participação, de uma santidade, enfim, que a constitui digna Esposa de tão santo Esposo. [...] As três Pessoas da Santíssima Trindade concorreram todas a formar em Maria a mais cabal e parecida imagem delas mesmas, destinando-a a ser aos olhos do mundo como uma espécie de fotografia visível da invisível Trindade (Santo António Maria Claret, *Escritos marianos*, 377-378).

Texto suplementar 2. «Deus» é a mais atacada de todas as palavras humanas. [...] A espécie humana descarregou nesse termo o peso das suas ansiedades e espezinhou-a; jaz no pó e suporta o peso de todos. Os homens puseram em causa essa expressão com as suas divisões religiosas; provocaram a morte, por causa dela, e morreram por ela. Leva a marca dos dedos de todos e o sangue de todos [...]. Esboçam figuras grotescas e debaixo delas escrevem “Deus”. Matam-se uns aos outros e afirmam fazê-lo “em nome de Deus”. Mas quando a ilusão e a mentira desaparecem, quando aqueles se encontram, face a face, com Ele, na mais solitária escuridão e já não dizem “ele, ele”, mas suspiram “Tu, Tu” (gritam todos “Tu”), e se depois acrescentarem “Deus”, não será, por acaso, o verdadeiro Deus que eles estão a invocar, o Uno Vivente, o Deus dos filhos dos homens? Não será esse mesmo quem os ouve e escuta? E não é precisamente desse modo que a palavra “Deus”, a palavra de invocação, a palavra convertida em *nome*, é abençoada para sempre em todas as línguas humanas?» (Martin Buber, *Gottesfinsternis*, 1962, p. 509).

4. Rezemos juntos

Louvemos o nosso Deus, que dotou Maria com toda a espécie de bênçãos, e cujo nome ela santificou, e digamos-lhe:

Nós te bendizemos e te damos graças, Senhor.

- Porque Maria nunca usou o teu nome em vão,
- Porque o seu rosto é o que mais se assemelha a Cristo,
- porque lhe deste os dons do Espírito Santo,
- Porque conheceu a alegria de acreditar e obedecer,

- Porque amou a Tua vontade e aceitou os Teus desígnios,
- Porque serviu-te em santidade e justiça todos os dias da sua vida,
- Porque foi uma fiel ouvinte da Palavra,
- Porque foi, no seu coração, uma mulher guardiã da memória,
- Porque buscou o sentido e a razão de ser das manifestações de Jesus,
- Porque no-la propões como modelo de entrega a Ti,

Podem-se acrescentar algumas frases...

Pai-nosso.

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: Por duas vezes a misericórdia de Deus é mencionada no Magnificat. Maria experimentou-a e contempla-a como um caudaloso rio que flui por todo o espaço e ao longo do tempo. É um tema que percorre todo o Evangelho de Lucas, onde Jesus nos intima: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai celestial é misericordioso». Aclamemos Maria como *Rainha e Mãe de misericórdia*, e supliquemos-lhe: «Os vossos olhos misericordiosos a nós volvei».

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Deus nosso Senhor, nós te confessamos como «Pai de misericórdia». As tuas entranhas comovem-se ao ver os teus filhos. Atrais com laços de ternura os que se afastaram de Ti. Acolhes-nos, cheio de alegria, e celebras um banquete quando regressamos a casa. Não queres que se percam nem um só dos pequeninos, cujos anjos contemplam o Teu rosto. Nada nem ninguém nos poderá separar do teu amor, manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor, que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo, e é Deus pelos séculos dos séculos.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Sal 36,6-11

Senhor, até aos céus se eleva a vossa misericórdia e até às nuvens a vossa fidelidade. A vossa justiça é como os montes altíssimos, os vossos juízos são como o abismo profundo. Senhor, vós salvais os homens e os animais. Como é admirável, ó Deus, a vossa misericórdia: à sombra das vossas asas se refugiam os homens. Podem saciar-se da abundância da vossa casa e Vós os inebriais com a torrente das vossas delícias. Em Vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz. Conservai a vossa misericórdia aos que Vos conhecem e a vossa justiça aos homens retos de coração.

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

O salmista, ao deparar-se com a desgraça que paira sobre o povo pergunta, angustiado: «Continuará o Senhor para sempre ausente e não mais voltará a ter compaixão? Acaso se esgotou de vez a sua misericórdia e foi revogada a promessa de geração em geração?» (Sl 77, 8-9). Nessa circunstância é necessário lançar mão das recordações e não largá-las. Não podia faltar a memória do êxodo, convertida em âncora de esperança. Não podemos esquecer a manifestação da humanidade do Salvador. São Bernardo afirma acerca dela: “É como se Deus tivesse lançado à terra um saco cheio da sua misericórdia; um saco que haveria de romper-se na Paixão, a fim de que se derramasse o nosso preço, oculto nele. Um saco pequeno, mas cheio; já que nos foi dado um menino; mas nele habita toda a plenitude da divindade». Essa misericórdia não nos rebaixa nem humilha; pelo contrário, dignifica-nos.

Maria dá-se conta, em primeira mão, na sua mente e nas suas entranhas, da misericórdia de Deus. Sabe que não é uma pequena gota de orvalho que logo se evapora; mas é uma maré cheia que “inunda os seus fiéis de geração em geração”. De aí brota a alegria plena da mãe do Senhor, não sulcada por qualquer ruga de tristeza. Ela sente-se pobre, mas não triste: Deus dá-lhe mais alegria do que se abundasse o trigo, o vinho, as mansões luxuosas, um rico acervo e uma imensa multidão de seguidores. E poderá romper em louvor: «Bendito seja o Senhor, que, pela sua misericórdia, fez maravilhas por mim» (Sl 31,22). O seu coração materno entende de misericórdia e sabe exercê-la.



Texto suplementar 1. Escreve o P. Claret sobre Maria: «Ela, como diz São Bernardo, faz-se toda para todos; oferece o seio da sua grande misericórdia, para que todos participem da plenitude das suas graças. Por intermédio de Maria, o cativo alcança a liberdade; o enfermo, a saúde; o triste, o consolo; o pecador, o perdão das suas culpas; o justo, o aumento da graça; e o Anjo, a alegria» (Santo António Maria Claret, *Escritos marianos*, 138).

Texto suplementar 2. «Um santo, cujo nome não me lembro, teve uma visão, durante a qual viu Satanás de pé perante o trono de Deus. E, prestando ouvidos, escutou o espírito maligno a dizer:

“Porque me condenaste a mim que só te ofendi uma vez, enquanto salvas milhares de homens que te ofendem tantas vezes?» .

Deus respondeu-lhe:

“Pediste-me, por acaso, alguma só vez perdão?”» (Joseph de Maistre).

4. Rezemos juntos

Unidos ao Coração de Maria, dirijamos ao Pai os nossos louvores. Respondemos:

Porque a tua misericórdia não tem limites.

- A Ti, que fazes o sol nascer sobre os bons e sobre os maus e envias a chuva aos justos e pecadores, nós te louvamos:
- A Ti, que dás a semente ao semeador e o pão ao que se alimenta, nós te louvamos:
- A Ti, no qual vivemos, nos movemos e existimos, nós te louvamos:
- A Ti, que queres que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, nós te louvamos:
- A Ti, que semeaste sementes da Palavra nos vários povos e culturas, nós te louvamos:
- A Ti, que não estás longe daquele que te busca sinceramente, nós te louvamos:
- A Ti, que te revelaste lento à ira e rico em piedade para com o teu povo, nós te louvamos:
- A Ti, que enviaste o Teu Filho, nascido do seio de Maria, para que todo o que acreditar n’Ele tenha a vida eterna, nós te louvamos:

- A Ti, que nos reconciliaste contigo por intermédio do sangue do Cordeiro sem mancha, nós te louvamos:
- A Ti, que nos perdoas as nossas culpas, nós te louvamos:
- A Ti, que nos deste Maria como Rainha e Mãe de misericórdia, nós te louvamos:
- A Ti, que nos impeles, pelo Espírito, a proclamar o Evangelho da alegria aos pobres, nós te louvamos:

*Podem-se acrescentar algumas frases...
Pai-nosso.*

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: Maria não é uma alienígena caída repentinamente neste mundo. É nossa irmã em humanidade e é consciente de estar inserida na história de um povo. Está entroncada nesse povo e na sua longa série de gerações. É uma israelita dos quatro costados: participa na fé e nas crenças de Israel, nos seus ritos, nos seus dramas, nos seus anseios e esperanças, na sua oração.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Deus dos nossos pais e Senhor da Misericórdia, Tu és o Eterno. Teu é o tempo e teus são todos os tempos: o do início, em que criaste o céu e a terra, o dos alvares da história humana, o do novo começo que estabeleceste com Abraão, o tempo de plenitude, em que enviaste o Teu Filho; e é teu também este ano da nossa graça. És Tu que suscitais oportunidades (sem precedentes) na marcha dos povos e na vida das pessoas. Enfim, Tu és Aquele que faz novas todas as coisas.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Éx 3,13-18

Moisés disse a Deus: «Eis que eu vou ter com os filhos de Israel e lhes digo: ‘O Deus dos vossos pais enviou-me a vós’. Eles dir-me-ão: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi eu?». Deus disse a Moisés: «Eu sou Aquele que sou». Ele disse: «Assim dirás aos filhos de Israel: ‘Eu sou’ enviou-me a vós!». Deus disse ainda a Moisés: «Assim dirás aos filhos de Israel: ‘O Senhor, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós: este é o meu nome para sempre, o meu memorial de geração em geração’. Vai, reúne os anciãos de Israel e diz-lhes: ‘O Senhor Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, apareceu-me e disse: Observei-vos com atenção e vi o que vos tem sido feito no Egito, e Eu disse para comigo: Far-vos-ei subir da opressão do Egito [...] para a terra que mana leite e mel’».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

Ao contrário dos maniqueístas, não contrapomos o Deus do Antigo Testamento, como um Deus mau, e o Deus do Novo Testamento, como um Deus bom. Sem dúvida, a imagem de Deus foi-se purificando ao longo da história de Israel; mas o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é o Deus de Abraão, Isaac, e Jacob, o Deus que se revelou a Moisés, com quem falava cara a cara, e o Deus dos profetas e dos sábios de Israel. Não se trata de nos agarrarmos ao conhecido e rejeitar o novo, mas tampouco de esquecer, escandalizados, o antigo e apegar-nos ao que é recente. Trata-se tão só de perceber a continuidade dentro da mesma novidade.

Maria sabe que é descendente da linhagem de Abraão. Mas não descende só segundo a carne. Pertence também à linhagem de Abraão segundo a fé. Por isso está consciente de que *para Deus nada é impossível*. O anjo recorda-lhe isso mesmo na Anunciação, talvez a fim de que ela cinzele essa palavra no seu coração e a tenha como lema da própria vida. Não lhe faltarão tristezas nem tribulações e terá de passar pelas ruas da amargura. Quando, enfim, sobrevier a escuridão e o vento gélido da hora sexta, não obstante, a tocha da sua fé permanecerá acesa, alimentada por uma palavra infalível. Aos filhos do seu Coração convida (nesta hora de um certo eclipse de Deus) a manter viva a fé e a transmiti-la sem hesitação nem delongas.



Texto suplementar 1. O Padre Claret escreve: «No povo eleito, o único de todos que conservou fielmente as veneráveis tradições da verdade consoladora que deveria regenerar o mundo, os Patriarcas suspiravam incessantemente pelo cumprimento das divinas promessas; os Profetas, inspirados por Deus, alentavam os justos, vaticinando-lhes, mais cedo ou mais tarde, a vinda do divino Consolador, e reprendiam os vícios dos pecadores, exortando-os a prepararem-se para receber o Santo dos Santos. Chegou, por fim, o dia, soou a tão desejada hora que o Altíssimo, em seus altos e adoráveis desígnios, fixara para revelar e dar início ao cumprimento fiel das Suas promessas. Com efeito, da estirpe dos Patriarcas e Profetas nasceu em Nazaré uma menina, concebida sem qualquer mancha de pecado, cheia de graça e resplandecente de santidade. Trata-se da Virgem vaticinada por Isaías, da Virgem desposada muito jovencinha com o virgem São José, e que sem qualquer prejuízo da sua inefável virgindade, devia dar ao mundo o libertador». (Santo António Maria Claret, *Escritos marianos*, 386).

Texto suplementar 2. “Um catecúmeno adulto sentia grandes dificuldades em compreender a história de Abraão na sua resposta ao apelo de Deus. Não entendia porque é que a sua preparação para o batismo teria de passar pelo estudo daquela história antiga que a ele, pessoalmente, nada dizia. Um dia, porém, tudo se lhe fez claro. Exclamou: “Abraão sou eu! “. O relato acabou por surtir efeito nele: entrara na história, identificara-se com a personagem. A vocação de Abraão converteu-se na parábola do seu próprio apelo à fé” (Bernard Sesboüé, *De la narrativité en théologie: Gregorianum*, 75 [1994] 425).

4. Rezemos juntos

Unidos ao Coração de Maria, dêmos graças ao Pai. Respondemos:

Pai, nós te damos graças.

- Por Abraão, o teu amigo, por Isaac, o teu servo, por Israel, o teu consagrado,
- Por Moisés, pastor do teu povo e da sagrada vinha de David, o teu servo,
- Pelos profetas e profetisas, testemunhas verdadeiras da Antiga Aliança,
- Pelas mães de Israel,
- Pelo resto santo, que permaneceu fiel a Ti,
- Pelos primeiros discípulos de Jesus, teu filho,
- Pelos apóstolos, testemunhas da Páscoa de Cristo,
- Pela tua santa Igreja, edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas,
- Por todos os santos e santas, que acreditaram em Ti e Te buscaram e amaram acima de tudo.

*Podem-se acrescentar algumas frases...
Pai-nosso.*

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: Maria canta a Deus, que acolheu a Israel, seu servo, *lembrado da sua misericórdia*. Já antes, Zacarias, com o seu próprio nome (“Deus lembra-se”) confessara que Deus é fiel à sua sagrada aliança e, por isso mesmo, o filho da sua velhice deveria levar o nome de João, que é toda uma confissão de graça (“Deus agraciou”). Todo o evento de Cristo, desde a concepção no ventre de Maria até à sua Páscoa, é obra da boa memória do Deus misericordioso e fiel.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Deus Pai e Senhor nosso, tudo está presente diante de Ti, tudo é “contemporâneo” ao Teu eterno agora. Tu tens o nosso nome gravado na palma da Tua mão e recolhes as nossas lágrimas no teu odre. Contas o número das estrelas e os passos dos teus amigos. O Teu coração é o guardião da memória, porque as nossas vidas são preciosas para ti. Só deixas cair no esquecimento as nossas infidelidades. Repara se nos desviamos do caminho, guia-nos rumo à Vida eterna. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Is 49,13-16

Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados. Sião dizia: «O Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-se de mim». Poderá a mulher esquecer a criança que amamenta e não ter compaixão do filho das suas entranhas? Mas ainda que ela se esqueça, Eu não te esquecerei. Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos. As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos.

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

A Sagrada Escritura apresenta uma alternância entre a memória e o esquecimento divino, tanto na súplica do fiel (ou do povo) quer nos propósitos de Deus. Por um lado, nós lhe dizemos: «Até quando, Senhor, de todo me esqueceréis? Até quando escondereis de mim a vossa face?» (Sl 13,2); e também: «Lembra-Vos de mim segundo a vossa misericórdia, por causa da vossa bondade, Senhor» (Sl 25,7b). Ele, por sua vez, responde: «Mas ainda que uma mãe esqueça o seu filho, Eu não te esquecerei» (Is 49,15). Nós, por outro lado, lhe pedimos: «Não recordeis as minhas faltas e os pecados da minha juventude» (Sl 25,7a); e Ele declara: «Apago as tuas faltas e esqueço os teus pecados (Is 43,25; cf. Jer 31,34; Heb 8,12; 10,17). E como a morte leva ao país do esquecimento, peçamos ao Deus vivo que não nos deixe abandonados naquele deserto sem memória.

Deus lembrou-se de Maria. Não a deixou no país do esquecimento e das sombras. Recordou a sua própria misericórdia divina e lembrou-se do amor e da fidelidade da sua serva. Ressuscitou-a dos mortos, pelo poder do Espírito, e associou-a à glória do seu Filho. O monumento que Deus ergueu para recordá-la não foi uma estátua ou uma lápide sepulcral, mas sim o corpo em que Ela vivera aquela história de acolhimento da graça, suportando provas, estremecendo e exultando de alegria, sentindo angústia, embalando e segurando o Menino nos braços e— como propõe a memória cristã—sustendo, nos seus joelhos, o Crucificado.



Texto suplementar 1. Uma vez, um missionário visitava uma das comunidades confiadas à sua atenção pastoral. No diálogo estabelecido com os participantes do encontro, colocou a seguinte pergunta: – «Tu, Pedro, como achas que é Deus?». Pedro deu a sua resposta. – «E tu, Joana, como imaginas Deus? ». Joana deu a sua resposta. – «E você..., você..., senhora, quem é Deus para si?» A senhora respondeu: – «Bem, para mim, Deus é alguém que sempre soube o meu nome».

Texto suplementar 2. Podemos invocar Maria com esta oração tradicional em que lhe pedimos que se lembre de nós: “Lembraí-vos, Ó puríssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que tenha recorrido à Vossa proteção, implorado a Vossa assistência e reclamado o Vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho, e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos Vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Ámen.

4. Rezemos juntos

Pai e Senhor nosso, lembramos agora Maria, que guardava no seu coração todas as coisas de que foi testemunha. Repetimos:

Repara na Mãe do Teu filho e escuta-nos.

- Pedimos-Te que nos concedas a graça de recordar Jesus Cristo, Teu filho, ressuscitado dos mortos e que mostrou ao Apóstolo Tomé o seu Coração trespassado,
- Pedimos-Te a graça de celebrar com fé o memorial da sua cruz e ressurreição,
- Pedimos-Te a graça de recordar as obras memoráveis que realizaste na história,
- Pedimos-Te a graça de levar vivamente gravado no coração o mandamento principal,
- Pedimos-Te a graça de viver o segundo mandamento, a outra tábua da Tua santa Lei,
- Pedimos-Te a graça de recordar agradecidos a Tua história de salvação na nossa vida congregacional e pessoal,
- Pedimos-Te a graça de reconhecermos sempre com gratidão a Tua misericórdia e o perdão que nos concedes tantas vezes,
- Pedimos-Te a graça de não esquecer as pessoas que nos ajudaram a crescer e a acreditar,

- E confiamos ao Teu cuidado e à Tua memória as pessoas que são vítimas do nosso esquecimento ou negligência e os nossos irmãos que dormem na esperança da ressurreição e dormem o sono da paz.

*Podem-se acrescentar algumas frases...
Pai-nosso.*

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, inculcadas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



1. Introdução

Monição de entrada: Cada realidade transporta consigo uma promessa: o ar fornece oxigénio, a água sacia a sede, o chão oferece um piso firme para podermos caminhar, o vinho alegria o coração... Cada um destes dons é fundado no poder e na providência do Criador, que é a realidade das realidades. Na história da salvação, acabou por dilatar as suas promessas: Ele mesmo entrega-se a nós como a Vida da nossa vida e como meta da nossa peregrinação. Em Maria antecipou as promessas feitas à sua Igreja, a todos os seus filhos.

Cântico.

Saudação litúrgica.

Oração: Senhor Pai santo, Tu proferiste em Cristo um sim irrevogável a nosso favor. Esta decisão sem retorno liberta-nos da incerteza e da ansiedade. Não sabes desdizer-Te, és eternamente fiel às tuas promessas, e não podes negar-te a Ti mesmo. Que a tua fidelidade desperte a nossa ilimitada gratidão e reforce em nós uma fidelidade a toda a prova. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Dt 7,6-9.12

Tu és um povo consagrado ao Senhor, teu Deus. Na verdade, o Senhor, teu Deus, escolheu-te para seres para Ele um povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra. Não foi por seres mais numerosos que outros povos que o Senhor se agradou de vós e vos escolheu; vós até éreis o mais pequeno de todos os povos. Porque o Senhor vos ama e é fiel ao juramento que fez aos vossos pais, por isso, é que, com mão forte, vos fez sair e vos salvou da casa da escravidão, da mão do Faraó, rei do Egito. Reconhece, pois, que o Senhor, teu Deus, é o verdadeiro Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade para com aqueles que o amam e observam os seus mandamentos até à milésima geração. [...] Se observares estes preceitos, os guardares e cumprires, o Senhor, teu Deus, também será fiel à aliança e bondade que jurou aos teus pais».

Silêncio meditativo.

3. Meditemos com Maria e sobre Maria

Deus é o Eterno e o Senhor da História. Ele não está sujeito ao destino, como os deuses da religião grega. Nenhuma fatalidade ou necessidade domina sobre Ele. Governa tudo: o universo com as suas inúmeras galáxias, a natureza e seus processos, a história com os seus representantes e as possibilidades que germinam nela, as gerações humanas. Ele delimita cada tempo e cada momento do relógio astronômico e do nosso calendário histórico. Na sua decisão soberana encurta o tempo, para bem dos eleitos, ou amplia o prazo, esperando que nos convertamos a Ele e dêmos fruto na devida altura. Ao chegar a plenitude dos tempos, enviou o seu Filho, nascido de mulher. Culminará a sua obra, de acordo com a promessa subscrita na Páscoa de Jesus; apoiados nela, podemos dizer-lhe: «Em ti, Senhor, eu espero, jamais serei confundido».

Maria dá credibilidade ao anúncio-promessa de que conceberá e dará à luz um filho, no momento e no modo escolhidos por Deus. A sua fé assenta na fidelidade d'Aquele que é a rocha firme. Sabe que a passagem do tempo não corrói a promessa. A ela chegaram os diferentes momentos daquela plenitude dos tempos: o da concepção (o sexto mês do anúncio a Zacarias); o de trazê-lo ao mundo (no reinado de Augusto); o de apresentar o Menino no Templo (quarenta dias após o parto); o de subir com ele a Jerusalém pela Páscoa (doze anos depois). São etapas de um tempo que chega, que cresce, que transborda, que enche, que está.



Texto suplementar 1. Sobre a fidelidade de Deus é baseada e sustentada a nossa. Claret vê-a exemplificada na figura do cão: «O cão é um animal tão fiel e um companheiro tão dedicado ao seu dono, que nem a miséria, nem a pobreza, nem os trabalhos, nem qualquer outra circunstância o levam a afastar-se dele. Também me devo comportar assim. Hei de ser tão íntimo, tão constante no serviço e no amor de Deus, que possa dizer, como o Apóstolo, que nem a morte, nem a vida, nem qualquer outra circunstância me podem separar [d'Ele]. O cão é mais leal que um filho, mais obediente que um servo e mais dócil que uma criança. Faz não somente, e de boa vontade, o que o dono lhe ordena, como tem os olhos postos permanentemente no rosto do amo, para adivinhar o que ele gosta e o que ele quer, e para o pôr em prática, sem esperar que lho mandem. Executa tudo com prontidão e alegria, e adivinha ainda os laços afetivos do dono: é amigo dos seus amigos e inimigo dos seus inimigos. Eu também devo colocar ao serviço de Deus, meu amado Senhor, todas as excelentes qualidades que possuo. Devo cumprir voluntariamente o que Ele me manda, saber o que quer de mim para o levar a efeito, sem esperar que mo indique expressamente. Devo executar, com prontidão e alegria, tudo o que Ele disponha, através dos seus representantes, que são os superiores. Serei amigo dos amigos de Deus e tratarei os seus inimigos como Ele achar melhor, insurgindo-me contra as suas maldades, para que desistam delas». (Santo António Maria Claret, *Autobiografia*, nn. 670-671).

Texto suplementar 2. Um ateu caiu de um precipício. Conseguiu agarrar-se a um ramo de uma pequena árvore, a 300 metros do fundo rochoso. Teve uma ideia: «Deus!», gritou a plenos pulmões. Fez-se silêncio. «Deus! Se existires, salva-me, e eu acreditarei em ti!». De novo, silêncio. Mas eis que, de repente, ressoa uma voz poderosa: «É o que todos dizem quando estão em apuros». «Não, Deus, não!», gritou ele, um pouco mais esperançoso. «Não sou como todos os outros! Já comecei a acreditar ao ouvir a tua Voz. Salva-me e prometo que proclamarei o teu nome até aos confins da terra!» «De acordo», disse a Voz, «vou salvar-te. Solta esse ramo». «Soltar o ramo?», exclamou aflito. «Crês que estou maluco?» (A. de Mello, *O canto da rã* [abreviado]). Crer ou não crer na promessa: eis a questão.

4. Rezemos juntos

Demos graças ao Senhor pelas origens e a história da nossa Congregação e peçamos por ela e por cada um de nós. Respondemos:

Por intercessão de Maria, ouvi a nossa oração.

- Concede-nos, Pai, que saibamos acertar o passo da nossa vida congregacional com o passo da Igreja universal e das igrejas particulares,
- Ensina-nos a calcular os nossos anos, para assim adquirirmos um coração sensato,

- Concede-nos viver fielmente o dom e o chamamento de cada etapa da nossa vida, como Maria,
- Não permitas que nos enclausuremos na estéril nostalgia dos «bons velhos tempos» e ensina-nos a amar o tempo presente,
- Faz que saibamos acolher com gratidão e responsabilidade o dom precioso e vulnerável que é cada dia,
- Dá-nos um coração vigilante que saiba discernir as vindas de Cristo e os sinais da sua manifestação nos nossos contextos vitais,
- Faz-nos conscientes da tua paciente espera, ao nos dares um prazo a fim de que dêmos frutos de conversão,
- Envia o teu Espírito que nos faça crescer até à maturidade em Cristo.

Podem-se acrescentar algumas frases... Pai-nosso.

Oração final: Deus, nosso Pai, Senhor do Céu e da Terra, o teu Filho, Jesus, cheio de júbilo, no Espírito Santo, deu-te graças por teres revelado aos simples a tua limpa e luminosa verdade; que não estava manchada pela duplicidade e desconfiança, incutidas no coração humano pelo Tentador. Ao cair da tarde, o cântico jubiloso de Maria, a tua humilde serva, recorda esta verdade à tua Igreja em oração. Cria, Pai, em nós, missionários do teu Evangelho, um coração limpo como o d'Ela, a fim de podermos ver o teu verdadeiro rosto e dá-lo a conhecer aos homens; e para que assim possamos entoar, alegres, no final de cada dia, esse mesmo hino em tua honra. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Bênção.

Cântico final: Magnificat (alguma das suas versões, ou alguma estrofe). Ou o hino ao Coração de Maria.



Detalhe do Imaculado Coração de Maria
no ícone dos Mártires Claretianos.



MISSIONARIII **CLARETIANI**
IMMACULATI CORDIS MARIÆ FILII

PREFEITURA GERAL DE ESPIRITUALIDADE
E VIDA COMUNITÁRIA

